

VIA SÃO PAULO

Sarney

TÃO GOMES PINTO

Governo sarneyista

Mesmo em meio à turbulência econômica e acochado pelos que querem vê-lo o mais rápido possível fora do Palácio, o presidente Sarney vai aos poucos compondo um ministério onde cada vez mais são identificados nomes cujo respaldo político vem única e exclusivamente do próprio Presidente.

Ou seja, um ministério que independe de injunções partidárias e passa por cima de reivindicações de grupos ou mesmo de questões territoriais.

A indicação do novo chefe da Seplan, João Batista Abreu, obedece a esse novo critério.

A tentativa do governador Newton Cardoso de colocar Abreu na sua quota particular de ministros não passou de uma ridícula opereta dessas que costumam acontecer nas redondezas do poder e não tem maiores consequências. A história de que Newton havia imposto a Sarney o nome do novo ministro, encampada entre outros pelo **Jornal do Brasil** na manchete de quarta-feira, apenas serve como um falso e mais no espetáculo levemente cômico.

Como ficou esclarecido em alguns jornais, em especial no **CORREIO BRAZILIENSE** daquele mesmo dia, as ligações do Presidente-com Abreu vêm do tempo em que Sarney ainda era apenas um candidato a vice-presidente da República na chapa Tancredo Neves.

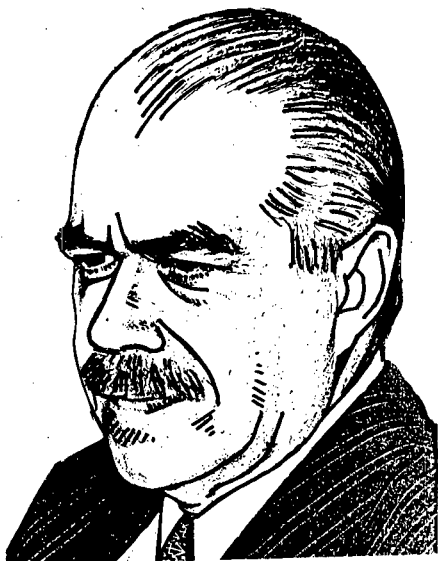
O então senador Sarney queria assumir a vice-presidência tendo algum tipo de assessoramento para assuntos econômicos, ainda que em caráter informal, e João Batista Abreu lhe foi apresentado como o homem indicado para esse serviço.

Mais tarde, o próprio Sarney, presidente da República, colocaria Abreu na equipe do governador de Minas, como secretário da Fazenda. Na segunda-feira, Newton Cardoso ficou sabendo que teria que devolver o aplicado funcionário para a administração federal.

Apressou-se então a seguir para Brasília e, numa audiência com o Presidente, pediu-lhe que deixasse ele, Newton, fazer o anúncio do convite a João Batista Abreu para poder "faturar" politicamente o episódio.

Sarney não viu inconvenientes e até achou engraçada a pretensão de Newton. O governador recebeu inclusive autorização para anunciar o fato assim que retornasse a Belo Horizonte. As coisas se precipitaram porque numa avaliação seguinte percebeu-se que adiar a indicação deixaria muito espaço na imprensa para a melancólica despedida de Aníbal Teixeira. Assim, Newton foi obrigado a "impor" a Sarney o nome de Abreu no próprio Palácio.

Com a escolha do novo titular da Seplan, o fato é que Sarney reconstrói a área econômica do governo federal à sua feição e sem ceder a pressões ou interesses de qualquer tipo.



Pelos lados da política está conseguindo resultados semelhantes e que podem ser considerados surpreendentes para quem imaginava o presidente sem vontade e sem discernimento para agir.

A presença de Ronaldo Costa Couto no Gabinete Civil parece assegurada apesar das especulações ocasionais sobre o deslocamento de Prisco Viana ou mesmo Antônio Carlos Magalhães para aquele posto. A percepção política do Presidente parece já ter detectado as vantagens da permanência de Costa Couto até porque Prisco e Antônio Carlos, que compõe a primeira linha de articuladores políticos do governo, estão se entendendo às mil maravilhas e operando conforme as conveniências do Governo mesmo permanecendo em seus respectivos ministérios. Outra peça importante da nova montagem sarneyista é o ministro Borges da Silveira, que funciona como suporte político, ao mesmo tempo em que dinamiza a área específica da saúde.

Abstraidas as considerações sobre se esse governo é bom ou ruim, deve ser registrado (e nem sempre está sendo feito) que o Presidente está conseguindo avançar alguns passos em meio à descrença quase generalizada e aos problemas que se acumulam.

Conseguiu finalmente aproximar um grupo de pessoas nas quais confia plenamente e não servem a dois senhores e instalou essa equipe nos postos-chave. O Presidente ainda quer a definição do mandato em cinco anos. Se conseguir, não terá mais motivos para lamentações e falta de ação administrativa. Restará, então, a Sarney uma única saída — governar e impedir que se concretizem as previsões dos que afirmam que o risco maior dos cinco anos é Sarney ganhar, mas não conseguir segurar.